

A COMUNA



ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)
PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTONIO TEIXEIRA

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Redacção e Adm., (Provisória):
RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

SONHO E REALIDADE

Lembraram-se as agências de informação telegráfica de espalhar, pelo ocidente da Europa, a sensacional notícia duma contra-revolução triunfante na Rússia, dando como certo o assassinato de Trotsky e a fuga de Lenin. Na hora em que o delegado diplomático da República dos Soviets procura estabelecer, em Londres, com o chefe do governo britânico, os preliminares dum entendimento, a fim de se reatarem com a Inglaterra a permuta e o tráfico dos artigos e mercadorias que aos dois povos interessam, compreende-se bem o intuito dessa lembrança e a tendenciosa manobra dos representantes do capitalismo que, assim, utilizam a imprensa de grande circulação, servindo a má vontade da grei, encarnadamente empenhada em inutilizar as *démarches* anglo-russas. Dou-se ao telegrama uma origem japonesa, absolutamente eugendrada ali, em Paris, na Place de la Bourse, e não foi esquecido o remate lógico que o informe deveria exibir, pois que se pretendia tirar d'ele um efeito completo, no propósito de se justificar plenamente o objectivo desejado.

Não sei se os leitores notaram que a seguir à notícia da contra-revolução, outro despacho, de ignorada origem, transcrevia o trecho de um artigo apócrifo, atribuído a um jornal de Petrogrado, em que se aludia à deficiência das reservas de cereais russos, ensinuando-se, em guisa de comentário, que as conferências de Krassine com Lloyd George, não passavam dum grosseiro *truc* de comédia, com que os bolcheviques pretendiam ganhar tempo, assegurando a invasão do Oriente e fugindo, habilmente, a tomar compromissos formais que não podiam, de maneira alguma, efectivar. E, pelos arraiáes da burguesia, foi um momento de regosijo. Aquela intervenção de Broussilof, caía no gôto do sebastianismo indigena, providencialmente, como uma promessa de *sidonismo* moscovita, em grande estilo, e já não faltavam af, pelos electricos, nos cafés, e nos *mentideros* habituais, os projectos baratos a vaticinarem, por todo o vasto território da Rússia dos soviets, uma caudal do sangue proletário, mercê dessa tremenda furia de represálias que ia desencadear-se, a fim de desagrarar a Civilização dos terríveis atentados de que tinha sido vítima, por parte dos comunistas... Evocou-se a memória do Grande Morto e houve quem lembrasse a ida imediata do Simão de Ladoeiro, em missão de informe, *in loco*, lá p'ras bandas de Moscou e Petrogrado, pois que ele fôra nos saudosos tempos da Leva da Morte, o fiel crónista de *seu senhor e rey*, incitando a ferocidade homicida dos trauliteiros contra os *demagogos* e os *sindicalistas*... Já se falava na necessidade de compelir os nossos governantes a uma acção decisiva e enérgica sobre as organizações operárias, como um reflexo dêsse Juizo Final do Socialismo que o sr. Teófilo Braga, há dias tentou assassinar, com a ponteira do seu guarda-chuva, em duas desconjuntadas colunas de *A Pátria*. Foi um delírio.

O madamismo exultou e muito esgaçado *pinoca* foi visto de olhos em alvo e a baba em fio, roçando-se, na Praça Nova, por vastos e bovinos abades dos arredores, que desciam ao povoado, em busca de novidades e cujo gesto incisivo prometia já relegar, para o braço secular, as chacinas expiatórias que abençoadas seriam, *per omnia seculum*...

Foi de pouca dura o gôzo proporcionado por êste bôdo aos pobres... de espírito e aos velhos e novos ricos da cevadreira capitalista. E era de vêr a murchice de certas trombas, ainda na vespera, arrogantes e jubilosas, exibindo agora a desilndida ruína das suas esperanças dum dia, diluidas perante as durezas da realidade, como um sonho *côr de roza* que o despertar desfaz...

Sim, um sonho que o Capitalismo há muito acalenta, na estúpida convicção em que o mantém a orgulhosa embôfia da sua infalibilidade de classe seleccionada, que não quere, senão em dura e dolorosa experiência, convencer-se de que só o trabalho livre duma humanidade emancipada de tôdas as tutelas e de tôdas as coacções, poderá arcar com as responsabilidades que impõe a tarefa de refazer uma Sociedade que êle afundou na ruína, no sangue, na miséria.

Por isso sonha...

— Com que sonhas póreo?...

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

Carlos da S. Domingos

Realiza-se hoje, 20, no Teatro Carlos Alberto, o espectáculo promovido por êste Centro e cujo produto se destina à remodelação da sua sede e aquisição de mobiliário para as aulas de instrução primária e portugêas.

Subirão à scena as magnificas peças, de teatro livre:

TRIUNFO, AMANHÃ OS CRIMINOSOS

Os poucos bilhetes que restam estarão à venda na bilheteira do teatro.

O espectáculo principia ás 21 horas, em ponto.

Após um ano de torturante sofrimento, faleceu, no passado dia 1, êste nosso desditoso camarada, vitimado pelos estragos da terrível tuberculose.

Era um sincero, dedicado e convicto camarada, e também um pai e esposo amantíssimo.

Deixa, lutando com a mais cruciante miséria a sua dedicada companheira, rodeada de seis filhos de tenra idade.

E' bem digna esta inditosa família da solidariedade de todos os camaradas, e por isso, nesta redacção se recebem quaisquer donativos que para tal fim sejam dirigidos a José Francisco.

A' família de Carlos S. Domingos enviamos a expressão sincera do nosso sentimento.

Maximalismo e Anarquismo

(CONTINUADO DO N.º 7 de «A COMUNA»)

VI

Maximalistas — Como primeiro passo para a transferência das fábricas, das minas, dos caminhos de ferro e outros meios de produção e de transporte para a «República Operária e Camponesa dos Soviets» o congresso pan-russo dos Soviets decreta a lei de inspecção operária sob o *Conselho Supremo de Economia Nacional* com o objecto de assegurar o poder dos trabalhadores sobre os exploradores.

Anarquistas — Como primeiro passo para a organização económica em sociedade libertária, as fábricas, as minas, os caminhos de ferro e outros meios de produção e transporte, passam a depender directamente dos grupos operários organizados livremente com o fim de atender com o menor esforço e pela melhor maneira as necessidades comuns.

A transformação económica da sociedade é susceptível de realizar-se sem que se interrompa um dia, que seja, o trabalho, por quanto os grupos operários estarão treinados na obra que devem realizar durante a revolução e cada operário sabe muito bem que o seu trabalho será aquele que, anteriormente realizado por conta de outro, terá de fazer para si mesmo. Os mesmos trabalhadores e tecnicos que trabalhavam para beneficio do patrão, suprimidos os privilegios dêste, passando as fábricas, as minas, os campos de cultura, os caminhos de ferro etc., para as mãos dos grupos, continuarão os seus trabalhos sem interrupção, não já, como dantes, apenas para beneficio de alguns, mas para satisfazer as necessidades de todos.

VII

Maximalistas — Consideram a lei relativa à anulação dos empréstimos, como primeiro golpe dado no capital internacional.

Anarquistas — Toda a acção contra o capital internacional e contra os governos, é directa por parte dos trabalhadores por meio duma offensiva económica, fóra completamente de toda a acção política, leis e inspecções legais.

O passado morreu. Ao passarem todos os instrumentos de trabalho para as mãos dos operários e expropriada a riqueza social, os capitalistas deixarão de o ser em virtude dos factos, e veem-se obrigados também a trabalhar para poderem viver. Desde êsse momento, êles são iguais a qualquer outro produtor e não podem atingi-los diferenças de tratamento, vinganças e represálias, que repugnam a todo aquele que fundamenta o seu ideal num objecto de justiça social.

VIII

Maximalistas — Transferência de todos os Bancos para o Estado Operário e Camponês, como uma das condições da libertação das massas trabalhadoras do jugo do Capital.

Anarquistas — Estando as funções económicas nas mãos dos grupos operários é natural que nas suas operações directas de intercambio de produtos não utilizarão valores convencionais — o dinheiro — visto que, não existindo, como anteriormente, o comércio, êstes valores não terão razão de subsistir.

IX

Maximalistas — Para suprimir os elementos parasitários da sociedade e organizar a vida economicamente, fica estabelecido o registo civil obrigatório.

Anarquistas — Quem não trabalha não produz e quem não produz não tem produtos para si, nem para troca-los por outros com outros homens.

De facto, o que não trabalha não pode satisfazer as suas necessidades de um modo normal e, portanto não pode viver. Onde os homens trabalham, por conta própria, para si mesmos, não há, não pode haver parasitismo.

X

Maximalistas — Para assegurar a posse plena do poder às massas trabalhadoras e suprimir toda a possibilidade do poder aos exploradores, decreta-se o armamento dos trabalhadores, a formação do exercito vermelho socialista dos operários e dos camponeses e o desarmamento completo das classes opressoras.

Anarquistas — Para assegurar a plena liberdade de todos os homens, precisamos de anular todo o instrumento de violência, toda a hierarquia e poder. E' preciso que não existam exercitos, milicias e policias, nem instituição alguma cujo objectivo seja o exercicio de uma autoridade ou poder sobre o homem.

A burguesia não terá armas se os trabalhadores lhas não fabricarem; e não terá força se os operários lha não derem.

(Continua).

JOSÉ T. LORENZO.

Uma lição

A greve ultimamente realizada, em França, pela união ferroviária e à qual haviam aderido muitos outros sindicatos, acaba de sosobrar em condições que muito justificam os pontos de vista em que os anarquistas se colocaram sempre em face da acção sindical. Os grevistas retomaram o trabalho, cedendo o passo à arrogancia das companhias e à furia dos homens do governo. Foram batidos, mercê das hesitações dos dirigentes que temiam as consequências reais duma revolução formal.

A nacionalização dos caminhos de ferro, objecto principal do movimento, era já, dentro das formulas adôdadas pelos chefes corporativos, uma forma subtil aleatória de derivação, perante a attitude franca e decisiva da massa dos trabalhadores franceses interessados no pleito. Mais uma vez as habilidades políticas dos mentores officiais da C. G. T. de Paris, prejudicou as magnificas disposições em que ora se encontram os trabalhadores de além Pireneas.

Foi uma dura lição que só a experiência dos factos concede à mentalidade operária, que, como no caso actual, longe de desanimar nas suas luctas, mais e mais sóida e firmemente procura organizar-se para futuras batalhas em que um idea de ampla acção social deve ceder o logar às illusórias regalias dum reformismo platónico.

O semanário «Le Libertaire», de Paris, a propósito dêste acontecimento que tanto apaixonou o proletariado de todo o mundo, borda as seguintes considerações que recomendamos à attenção dos trabalhadores portugueses:

«Quem pensar de todos aqueles que esquecem os ensinamentos do sindicalismo de acção directa e desprezam os seus metodos que os conduziriam à vitória?»

Quando compreenderão êles, que não é com patacos difficilmente amealhados, que se faz frente ao oiro dos seus exploradores e que se quiserem vencer, teem como primordial dever sair fora da legalidade onde a classe possuidora os tem encaadeados e onde os charlatães do sindicalismo reformista e da politica de extrema-esquerda os mantem seguros?

Se os metodos do sindicalismo revolucionário fossem mais conhecidos, se os ferroviários se ajudassem utilizando-os; se os mineiros tivessem agido de igual maneira em vez de se manterem nas minas, os resultados da greve seriam outros.

Ao menos, que as lições desta greve sejam proveitosas e que de futuro, o operário reconheça bem que todos os meios são bons — mórmente os menos parlamentares — para vencer qualquer resistência. Para isso constituamos outro ambiente fora da influencia daquele em que há 60 anos vivemos, tomando compromissos e afirmando renuncias.

Os anarquistas que apoiam sempre todas as manifestações que podem constituir um ataque à chamada ordem estabelecida, seguiram com simpatia êste movimento de greve e cooperaram nêlo o melhor que puderam.

Não porque os entusiasmasse o objectivo atribuído aos esforços dos grevistas. A nacionalização, mesmo industrializada, nada para êles significa: sa-

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

FOLHEANDO

A IMPRENSA

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

(Do Trabalho e União de Funchal:)

O nosso antigo e distinto colega portuense «A Aurora», acaba de passar por uma importante transformação, passando a denominar-se «A Comuna» e sendo órgão comunista e propriedade do Grupo de Propaganda Libertária.

O n.º 1, do 1.º de Maio, apresenta-se muito bem redigido, inserindo uma esplendida gravura figurando dois operários a derrubar, para a lançar ao fogo, uma arvore secca e mirrada, enquanto que o sol da Redenção, que vem despendando, fecundará a semente nova...

A' «Comuna» enviamos as nossas calorosas e fraternais saudações.

Agradecemos.

Efectivos sindicais

A Federação Geral dos Sindicatos alemães é composta, actualmente de 54 organismos centrais que contam sete milhões e meio de filiados. De todos êstes organismos, os principais são os seguintes:

Federação metalúrgica, com 1.600.000 cotizantes; Sindicatos dos operários da Construção Civil e Naval, com 650.000; Federação dos transportes, com 540.000; Federação Têxtil, com 450.000; Federação dos Carpinteiros e artes similares, com 430.000; Federação dos Mineiros, com 400.000; Federação dos Ferro-viários, com 400.000; Federação das indústrias mobiliárias, com 370.000; Federação dos operários dos municípios, com 270.000; Federação dos alfaiates, com 137.000. Só êstes organismos, representam 83 por cento dos aderentes à Federação Geral dos Sindicatos (C. G. do T.).

E' de supor que, dadas as lições do passado, êste novo organismo siga a orientação do sindicalismo revolucionário, não constituindo, como os organismos sindicalistas da Alemanha de antes da guerra, um agregado eleicoeiro, o que foi uma excelente mina para os empresários da guerra.

Voltaremos ao assunto, logo que tenhamos informações mais detalhadas.

bem muito bem que a sua applicação não modificaria sensivelmente a miserável sorte dos explorados e que, para os que a proclamam, ela só constitue um meio de abafar tôdas as veleidades de emancipação decisiva.

PELA RÚSSIA

O TESTEMUNHO DO CORONEL MALONE

Dentre os países da Europa ocidental, a França tem a triste honra de ter lançado sobre a Rússia revolucionária o máximo de inépcias e de calúnias, tendo-se salientado nestes últimos dias ainda o PETIT PARISIEN e o EXCELSIOR. Do outro lado da Mancha, há homens regressados da Rússia que têm uma linguagem bem diferente. Ultimamente ainda, um membro burguês do Parlamento britânico, o coronel Malone, publicou um volume «The Russian Republic» — George Allen, edit. — de que a seguir damos os seguintes fragmentos:

A RECONSTRUÇÃO SOCIAL

Sábado, 4 de Outubro 1915, Moscou — Mais tarde dirigimo-nos à escola Santa-Catarina de que uma parte se abre ainda à frequência das crianças, estando a outra destinada à preparação dos professores — mais especialmente em trabalhos técnicos.

As crianças pareciam-me com uma florescente saúde e bem alimentadas, apesar da crise de subsistências. Providências especiais foram tomadas para que estas crianças fossem o mais possívelmente favorecidas; recebem rações de leite, mel, pão e peixe, que nem sempre estão ao alcance de toda a gente; brincam num grande jardim, situado por detrás da escola; são de origens diversas, muitas delas perfeitamente educadas.

O porte das cartas é gratuito na Rússia dos Soviets. Domingo, 5 de Outubro — Esta manhã, visitamos a Exposição da Maternidade e da Criação Infantil. É outra forma de propaganda médica, funcionando sob a fiscalização do Comissariado da Saúde Pública.

A Exposição estava cheia de visitantes; vários grupos de mulheres eram conduzidas à respectiva clínica e recebiam instruções especiais. Várias secções tratam dos cuidados a empregar com as crianças, por meio de grandes ilustrações coloridas ou não, e por meio de modelos que demonstram detalhes, tais como: a maneira mais correcta de trazer uma criança, métodos empregados para as vestir, alimentar, aleitar, fazer respirar bem, etc., etc.

Outros quadros ilustravam a comparação entre a mortalidade infantil nos diferentes países em proporção com a cultura das mães, e a dos países do alcoolismo.

Uma outra secção da Exposição tratava da alimentação, propriamente dita, dos tipos de alimentos que devem ser ministrados às crianças; às mães em estado de gravidez, os utensílios a empregar, a necessidade da higiene íntima e da limpeza em geral, o perigo das moscas e as centenas de pormenores que estabelecem a diferença entre a saúde e a doença, entre a força e fraqueza nas gerações nascentes.

Dirigimo-nos à celebre galeria Tretyakov que continha magníficas coleções de pintura russa de Shishkin, Verestchagin, Perov, Kramskoi, Ryepin e Makovsky, coleções completadas hoje, pelo que me informam, por obras de arte que outrora faziam parte de diversas coleções particulares.

A multidão que passava através das galerias representava muitas e variadas classes de povos; havia gente por toda a Exposição.

KHARKOV E EKATERINOSLAV EM PODER DE DENIKINE

Alguns dias antes da ocupação de Kharkov pelos seus Cossacos, Denikine enviou ao proletariado da cidade, o seguinte apelo:

«Prometo desembaraçar-vos de todos os vossos Sovdeps, Markónis, e de todo o resto da escumalha revolucionária. Em vez de o conceder a judeus e a forçados evadidos, darei o poder a aqueles que conheçam os negócios públicos, e restaurarei os direitos da propriedade privada. Se isto vos não contenta, vindes contra mim, mas cuidado! O general Denikine não brinca!»

Tais eram as promessas do general da Guarda Branca, e com toda a justiça se deve reconhecer que logo depois da ocupação de Kharkov, os proletários convenceram-se bem de que, com efeito, o general não brincava.

Os Guardas Brancos, tomaram Kharkov em 25 de Junho; o general May-Macovsky entrou na cidade à frente das tropas brancas. A burguesia recebeu-o triunfalmente e a procissão pomposa atravessou a cidade ao som festivo dos sinos. À frente vinham os padres e os oficiais da Igreja com pendões, lanternas e ícones; a seguir vinha o «herói» num andor, seguido pela música militar e pelas suas tropas, enquanto que em volta dele grandes damas vestidas de seda e gentis-homens em grande toilette de cerimónia, lançavam sobre ele braçadas de flores, soltando entusiásticos *harrahs!*

O general sorria e ao mesmo tempo, para cumprir a promessa do seu patrão Denikine aos operários de Kharkov, deu ordens ao comandante da 3.ª divisão, o general Vitkovy, e começou-se o massacre de milhares d'operários, israelistas e intelectuais, e a parte da Guarda Vermelha de Kharkov que não pode, a tempo, sair da cidade, foi cercada pelos Brancos e brutalmente massacrada.

Todos aquêles que não arancassem, a tempo, a estrela vermelha do barrêto, eram marcados a ferro em brasa pela população feroz.

As tropas Vermelhas israelitas foram separadas do resto e entregues aos voluntários de Denikine que as amigou no sítio, com metralhadoras. Depois de dizimada a Guarda Vermelha, os Brancos voltaram-se então para os operários; para estes últimos, quatro forças foram erguidas no centro da cidade, sobre a «praça Rosa Luxemburg» os infelizes aí foram conduzidos pela polícia secreta de que Kharkov estava inundada há muitos dias já, antes que os Vermelhos deixassem a cidade. Uma forte recompensa tinha sido oferecida por cada cabeça de operário suspeito de simpatia para com os Comunistas.

As quatro forças não chegaram e tiveram de enforcar operários nos candieiros da iluminação pública; mais de 200 operários foram assim executados.

Foi o primeiro episódio do pogrom de Kharkov. Os massacres alargaram-se e atingiram toda a violência em 6 de Julho, isto é, onze dias depois da ocupação da cidade.

Nesta data, os Brancos decidiram fazer grandes execuções

RELEMBRANDO

A insolência aproxima-se. — A falência tantas vezes anunciada vai ser um facto. Esgotam-se os últimos recursos. Já bate á porta o estrangeiro.

A fome, tantas vezes profetizada, é uma realidade. As notícias das províncias dizem-nos as populações trabalhadoras a braços com a miséria mais autêntica. Os povos rurais, à mingua de pão, buscam nos campos o alimento dos porcos.

A inquietação aumenta. Pergunta-se com pavor o que será o dia de amanhã, e os cidadãos desorientados, desunidos, fracos ou indecisos, acusam-se de cumplicidade e cobardia, sentindo que é tempo de intervir, mas não sabendo como...

(De A Marselhesa).

AOS ORGANISMOS OPERARIOS

Sendo do máximo empenho do grupo editor de A COMUNA dar a maior expansão à publicidade do movimento sindical — julgando assim prestar um grande serviço ao desenvolvimento da organização proletária, serviço este que será o mais largo possível logo que este jornal atinja o seu objectivo, como seja a sua publicação diária — solicita a todas as corporações operárias para que enviem as suas informações para esta redacção até terça-feira, de cada semana, a fim de serem publicadas na COMUNA.

públicas; era banal e monotono utilizar apenas as forças. Então, em 6 de Julho, o carrasco organizou um espectáculo publico matando operários de diversas maneiras. Os condenados à morte, em número de 34, foram divididos em dois grupos, destinados cada um a diferentes géneros de morte.

Onze membros de Sindicato dos metalúrgicos e dois operários das fábricas de munições foram enforcados. Os outros entre os quais se encontravam dois chefes Mencheviki: Grossman e Babin, muito conhecidos dos Sindicatos, foram fuzilados junto às forças. Tal foi o espectáculo com o qual os Guardas Brancos encheram de terror a população de Kharkov.

Depois destas execuções públicas, o terror abrandou sem todavia cessar de todo.

A tomada de Kharkov, Denikine apoderou-se d'outro centro da bacia do Don: Ekaterinoslav. Desta vez nada prometeu aos trabalhadores; mas nem por isso os tratou de forma diferente. Como em Kharkov, os Guardas Brancos foram acolhidos com grande regosio por parte da burguesia; o general entrou na cidade em triunfo. Foram cobertos de flores, celebrando-se banquetes magníficos em sua honra.

Depois disto, os generais foram verdadeiramente magnânimos e permitiram que as suas valentes tropas se divertissem um pouco — consentindo o divertimento em pogroms sobre os trabalhadores. Duraram um dia e uma noite. Pessoas doentes, de cama, foram arrastadas para a rua e assassinadas. Bairros operários inteiros foram arrasados; no bairro Telechemovka, mais de 1.000 operários foram presos na primeira noite; não aos homens mas também mulheres e crianças eram arrastados à praça Alexandrovsky; aí, separados em grupos e conduzidos à escadaria do Mosteiro, foram fuzilados em massa.

Idênticas prizaões e idênticos massacres tiveram lugar n'outros bairros operários. Centenas de cadáveres jaziam sem sepultura, junto do hospital Alexandrovsky; um médico do hospital que quiz depositar os cadáveres na casa Mortuária, foi fuzilado.

Durante os dois outros primeiros dias, mais três mil operários foram mortos. Entre eles, Gurzin, comissário da saúde pública; Epatzin, comissário político; Truphoff, comandante de regimento. Nem os Mencheviki, que haviam lutado violentamente contra os Soviets, foram poupados; tal é o caso do antigo presidente da Douma municipal da cidade, que foi preso e assassinado.

A cafreal ferocidade das gentes da ordem é a mesma, por toda a parte. A educação burguesa, dos mestres e dos padres dá este lindo produto das civilizações modernas. Eis os ejetos do espírito cristão que rege o ensino oficial das nações capitalistas, em que se aprende esta bela forma piedosa de fazer vingar o domínio secular dos espoliadores do povo. E são os representantes, na imprensa, dum tal casta hipócrita e cruel, cujo verniz de exteriorização não ilude ninguém, que erguem clamorosas choradeiras sobre as vítimas das revoluções populares. Os opulentos que tudo, tem; desde o pão da boca á cultura do espírito não conseguiram ainda domar as instintivas fúrias de canibalismo que sempre caracterisou o domínio dos fortes, apesar de tantos séculos de usufruto de todos os bens terrenos; vêem sempre á tona dessa lama de humanidade. E quando a sede e fome de justiça atira a canalha para os impetus violentos da revolução, espantam-se esses celerados que aquêles que a sua malvadez, o seu egoísmo e a sua soberba relegaram para as subalteridades tenebrosa da fome, da dor e da ignorância, não apareçam d'azas brancas sobre a estremeira social que a burguesia criou.

Palavras e obras

Os governantes de todos os países, e, com eles, toda a coorte dos que vivem, ou procuram viver sem trabalhar, matam-nos o bicho do ouvido com a estafada ária das economias. É preciso economizar isto; é preciso economizar aquilo; é preciso, enfim, economizar tudo e muito especialmente o dinheiro.

Apesar de todas estas lamúrias, a realidade é bem o contrário daquilo que, impudentemente, se diz ao povo, a essa eterna besta de carga. Quando o Estado nos fala de economias, é contar que ele procura, com semelhantes palavras, encobrir os seus esbanjamentos. Se assim não fosse, e porque razão, num momento crítico como o que atravessamos se está para aí a desperdiçar dinheiro com a construção de quartéis para a guarda republicana, vulgo, guarda municipal?

Mas o que se dá aqui, dá-se também no país vizinho. Ainda há dias — e, não obstante, a mesma catilinária das economias — os reis espanhóis foram assistir ao lançamento da primeira pedra para a construção dum quartel, que custará a bonita quantia de dois mil setecentos e setenta contos! É igual a este vão construir-se mais vinte e nove!

Economias!... economias!... gritam os de cima. O que não impede que eles estejam a larga os dinheiros do povo, em obras infames e repugnantes.

Quem os entender, que os compre...

NOTAS DUM PERDIDO

XI

Burro velho, não aprendendo línguas, não quer dizer que algum, como eu, não conheça que haja vantagens enormes em cada um saber mais do que a língua do torrão onde nasceu ou de onde foi criado. Os novos, sobretudo. Algures e disse já que o homem sabendo falar duas línguas, valeria por dois. São porém, tantas as línguas que se falam sobre a terra, que qualquer daria em doido se um dia pensasse e se metesse a aprender metade delas, que fosse. A impedir este grande mal, que muitíssimo tem dificultado e obstado a estreitar as relações entre os homens, alguns espíritos bem intencionados pensaram em criar uma língua internacional, que este mal combatesse, o mais eficaz possível e sem grande dificuldade de aprendizagem.

A, já de há tempo eleita, para solver este problema, havia sido a Esperantista, criada por Zamenhof; e agora Pravda, o órgão dos soviets russos, diz-nos que, havendo sido nomeada, na Rússia, uma comissão para investigar a questão de uma língua internacional, se tinha pronunciado pelo Esperanto, como sendo a melhor, dando como resultado que o seu ensino vai ser introduzido como obrigatório em todas as escolas da Rússia.

Romain Rolland, o belo escritor francês, entusiasmado com esta decisão, enviou ao Esperantista Laboristo, jornal que julgo se edita em Paris, as seguintes palavras: «Convosco, eu penso que os jornais socialistas franceses se confinam exclusivamente a questões políticas partidárias, e não prestam suficiente atenção ás grandes questões gerais internacionais, não já meramente de interesses socialistas, mas humanos.

«A questão duma língua internacional devia propriamente apresentar-se na nossa frente. Enquanto esta questão não for plenamente discutida e resolvida, a Internacional (qualquer que seja o seu número), permanecerá mera palavra, simplesmente porque os povos do mundo só se poderão conhecer uns aos outros por intermédio de correspondentes de jornais. Actualmente, tal estado de coisas é intolerável para democracias que clamam, e muito justamente, o direito de tratar dos seus próprios interesses devendo ter a possibilidade de directamente communicarem umas com as outras.

A minha esperança é que, neste assunto como em outros, a República dos Soviets, decidirá e que os socialistas do Ocidente lhes seguirão o exemplo.

Hurra pelas notícias! A decisão acabada de tomar pelos Soviets pela instrução obrigatória do Esperanto em todas as escolas da Rússia, é um acontecimento histórico, cujas consequências serão imensas. Realizará mais para a Internacional do género humano do que todas as discussões teóricas ou disputas políticas que agora absorvem a atenção do socialismo ocidental. — Cordialmente, Romain Rolland.

No dia 1.º de Maio, em um comício, no já histórico, Hyde Park, em Londres, Mark Starr, pela British League of Esperan-

tist Socialists, depois de uma alusão á significação internacional daquele dia e á necessidade de uma nova ordem social, mostrou aos operários a urgente necessidade duma língua internacional para facilitar a internacionalista organização. Tal língua, disse, não poderia ser uma qualquer língua nacional, pois os chauvinistas e Imperialisistas precisam forçar os povos a aprender a sua língua. Os trabalhadores deviam favorecer uma língua neutra, pelo uso da qual se collocassem todas as nacionalidades no mesmo pé. O Esperanto, além de ser neutro, tem incomparavelmente mais facilidades para ser aprendida do que qualquer língua nacional; a francesa, por exemplo, requer dois anos para ser aprendida, enquanto que um trabalhador poderá aprender Esperanto em três meses. O Esperanto foi oficialmente adotado na Rússia dos Soviets estando a ser ensinado nas suas escolas. É já tempo para o movimento operário britânico seguir o exemplo da Rússia.

Em Janeiro de 1918, numa conferência do Labour Party, foi afirmado que «tempo já tinha chegado quando, para benefício do mundo em geral, uma língua devia ser ensinada com o fim de habilitar os trabalhadores do mundo a conversar e compreender-se livremente uns com os outros, sem necessidade de interpretes», tendo muito antes, há bastantes anos até, em um dos mais concorridos e históricos congressos internacionais anarquistas realizados, sido aprovada uma tese em que se aconselhava o ensino e aprendizagem do Esperanto, como meio indispensável para estreitar as relações internacionais dos trabalhadores.

É já agora, a estas curtas informações, acrescentemos que Le Travailleur Esperantiste, de Paris, de fins de Março, continha uma desenvolvida notícia do progresso do Esperanto na Rússia, dizendo que artigos sobre essa língua apareciam regularmente no Izvestia; que três quartas partes dos membros da Liga dos Jovens Comunistas de toda a Rússia sabem esta língua internacional; e que, em Moscow, o grande edifício, anteriormente propriedade privada do rico Lopatin, foi especialmente adotado para uso da organização Esperantista de Moscow.

Por minha parte, embora sendo já burro velho e por isso inapto para aprender línguas, creio que presto um razoável serviço aos jovens e conhecidos amigos da Lisboa Verda Stelo, aos da Idealo Raj Laboro, aos da Fratiga Stelo, aos da Esperantista Flegisto, ou seja a todos quantos constituem a Portugal Laborista Esperanto Federaçao, dando-lhe aqui estas boas notícias e minhas desvaliosas opiniões. É que, embora para as avançadas revolucionárias eu tenha outras predisposições e predileções, e noutras coisas e outros assuntos eu tenha aplicado a minha limitada actividade, não deixo de reconhecer, com C. Roden Baxton, que «o principal obstáculo ao trabalho comum dos povos reside na questão da linguagem».

GRAND-GOSSE.

AS RELIQUIAS DE CRISTO

2

Da corôa de espinhos que, segundo a Bíblia os judeus collocaram na cabeça de Cristo, um terço desses espinhos encontra-se em Paris; mas, nas igrejas de Roma; na de Santa Cruz, em Jerusalém; nas de S. Gaudioso, Patrizio e de Jesus, de Nápoles; nas de Vicenza, de Burges, de Compostela, de Carbonara Po, de Toulouse, de Pise, de S. Stefano, de Marselha, etc., etc., e etc., há também, grandes quantida-

LIEDI:

A BATALHA

des de espinhos da supra-mencionada corôa. Ora, com todos estes espinhos, podia fazer-se uma corôa para meter na cabeça duma criatura, cuja circunferência fosse do mesmo tamanho da cúpula da basilica de S. Pedro, de Roma, que tem uns sessenta ou setenta metros de diâmetro...

Com franqueza, se o Cristo tinha assim uma cabeça, bem se pode afirmar que ele tinha um pinhão... e batatas!...

A SEMANA DE 44 HORAS

A Federação Metalúrgica, da Argentina, já conseguiu impôr, nalgumas oficinas, o seguinte contracto de trabalho:

1.º - Semana máxima de 44 horas, assim divididas: de segunda-feira a sexta, 8 horas de trabalho por dia; ao sábado, entrada às 7 horas da manhã e saída às 11.

2.º - Salário mínimo: para oficiais, 575 reis por hora; meios oficiais, 420.

3.º - Abolição das horas extraordinárias. Mas, quando por qualquer caso de força maior, tiver de se fazer horas suplementares, serão pagas a dobrar.

4.º - Pagamento integral dos salários, quando, por acidente de trabalho, o operário ficar impossibilitado de ganhar a vida.

5.º - Todo o operário (oficial ou aprendiz), que trabalhe fora da oficina receberá um escudo diário, como viático. Esta condição é válida só para a capital, e dois quilómetros em torno dela.

6.º - Abolição do trabalho de empreitada.

7.º - O pagamento dos salários será feito semanalmente.

Também na Argentina haverá novos acomodados, género Guedes de Oliveira, que se revoltam diariamente contra estas conquistas do proletariado? O jornal de onde extrairmos esta notícia não o diz. Mas deve haver, com certeza. Porque cães que ladrar em qualquer parte se encontram.

Mouros na costa...

O que não lembrar a um general espanhol, comandante das tropas em Africa, não lembrará a mais ninguém. Isto, a força de repellido entre, neutros hermanos, é, já axiomático.

Ora reparem: O general Silvestre ofereceu ao Governo de Espanha seis mil mouros, com a mesma sencermonia como se lhe oferecesse seis mil carneiros. E com que fim? Não adivinham? Pois é simples — é com o fim de virem para Andaluzia empregar-se nas ceifas por um pão e um dnro diário de jornal.

Então? Há talento na oferta, ou não há talento? Desta maneira, o mencionado general mata dois coelhos com um tiro. Ajuda os ricos andaluzes que, pelos serviços de que necessitam, pagam apenas um duro por dia, em vez de três ou quatro, e ao mesmo tempo limpa, de mouros, a zona do seu comando.

Resta agora saber o que dirão os rurais espanhóis quando se aperceberem de que anda mouro na costa...

A III INTERNACIONAL

No recente Congresso do Partido socialista espanhol, a proposta de adesão à III Internacional obteve 12.484 votos contra 14.010, dados à III. A parte jovem do partido não ficou satisfeita com o resultado da votação; mas a parte velha, certamente, esfregou as mãos de contentamento.

A III Internacional, como se sabe, não fez nada para impedir o horrível morticínio dos povos; as secções de cada país declararam-se patrioteiras e nacionalistas, e fizeram cõo com a burguesia, prestando-lhe o seu concurso e, até, o seu dinheiro. Internacionais desta natureza não vale a pena existirem. Os operários se agrupam e com o fim de se emanciparem da tutela capitalista. Ora a III Internacional esqueceu-se propositadamente dos seus deveres, para se transformar numa espécie de estado-maior do proletariado, dando ordens terminantes aos soldados que estavam sob o seu comando. Traindo os princípios internacionalistas e socialistas que dizia defender, ela mostrou que não era senão um vasto quartel general, dependente dos ministérios da guerra dos vários países em luta. Fazê-la reviver, é dar provas duma grande incoerência, quicá, duma requintada malvadez, de que são capazes, apenas, os indivíduos acomodados, que tem as suas responsabilidades ligadas às responsabilidades da burguesia.

Contra este procedimento das velhas rapozas, manhosas e casmurras, começa a esboçar-se uma campa em certa imprensa socialista espanhola. Vamos a vêr quem triunfa: se a parte jovem do partido, se a parte carunchosa.

Esperemos.

O CAMINHO MAIS CURTO

A Associação dos Antigos Combatentes, realizou, há pouco tempo, em Genebra, o seu primeiro congresso internacional. Homens que, ainda ontem, só pensavam em trucidar-se, apertaram-se as mãos e abraçaram-se com emoção. Todos juntos — êsse indivíduos que as ambições capitalistas e governamentais transformaram em inimigos, porque estavam em jogo os seus interesses soberanos arredar de seus cérebros as patiocadas burguesas e patrióticas, e conseguiram achar os meios necessários para impedir, de futuro, as massacres infamíssimos dos povos.

Independente disso, comprometeram-se a não pegar em armas à ordem de qualquer governo, sejam quais forem as razões que eles invoquem.

E, com franqueza, é este o caminho mais curto e mais seguro para impedir as horríveis matanças de populações inteiras...

levaram trabalhando aquelas sociedades secretas, com perseverança e valor heróico. Se a república resultou perfeitamente natural da revolução de Fevereiro de 1918 foi devido a essas sociedades, à sua propaganda continua. Sem seus nobres esforços ainda agora seria impossível a república.

Seus fins eram então tomar posse do governo e instalar os representantes das suas idéas no poder, constituindo uma ditadura republicana. Porém, como poderia supor-se, nada disso succedeu. Como sempre a conspiração não destronou a realza; é o resultado inevitável das condições em que as coisas existem.

Os conspiradores prepararam a queda. Haviam difundido sabiamente as idéas republicanas. Seus mártires mostraram ao povo o seu ideal. Porém o último esforço, o que acabou definitivamente com a monarquia burguesa, foi muito mais poderoso, muito maior que a que poderia produzir uma sociedade secreta, esse esforço colossal surgiu da massa total do povo.

Todos conhecemos as consequências. O partido que tinha preparado a queda da monar-

MOVIMENTO SOCIAL

EMPREGADOS MENORES DO MUNICÍPIO

Como tínhamos anunciado realizou-se no último domingo a sessão solene comemorativa do 1.º aniversário desta colectividade operária que a ela prestaram o seu concurso.

Presidiu o camarada Joaquim da Silva como delegado da União dos Sindicatos Operários tendo como secretários os camaradas Fernandes Viana, delegado da Construção Civil e Gonçalves Ferreira Urta, representante dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar.

Além destes camaradas discursaram Luis António de Carvalho, do pessoal de Carris; João Ribeiro Dias e A. Pessoa-donio da Silva da Construção Civil; António de Carvalho, do Sindicato dos Alfaiates; José Vilaça, Juventude Sindicalista da Construção Civil; Afrânio António Ribas, dos Tamaqueiros; Alfredo da Silva Neves e João de Castro, sócios da Associação, Manuel da Cunha dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar que enalteceram o valor da organização Sindical e escalpelaram o regime social burguês que vem de oprimir as classes deserdadas desde o seu advento e sendo unânimes em que o reinado burguês está preste a fundar, mas que para apressar a sua queda necessário se torna a preparação imediata de todo o proletariado para que a organização possa desempenhar com efficacia o seu papel após a Revolução.

Durante a sessão tocou a Tuna União Operária 1.º de Setembro.

CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Circular n.º 5 Presados camaradas:

Decerto não desconhecês a situação financeira e moral em que se encontra o nosso órgão A Batalha. Pelo parecer publicado, verificareis que o nosso órgão tem um déficit diário de 128\$00, apesar de cada exemplar se vender a 5 centavos. É uma situação verdadeiramente angustiosa, e se não se lhe acudir a tempo com o auxilio permanente que só a organização lhe pôde dar, nem esta nem a propaganda se poderão desenvolver e quem é prejudicada é só a classe trabalhadora.

O Conselho Confederal da C. G. T. tendo em consideração a necessidade do nosso órgão se manter, custe o que custar, deliberou que duma forma definitiva e obrigatoria se lhe cresse uma receita permanente, para de certo modo evitar-lhe dificuldades, para que possa cumprir a missão que a organização lhe impõe.

quã foi expulso do Hotel de Ville. Outros, que foram demasiado prudentes para correr os riscos duma conspiração, porém mais conhecidos e também mais moderados, esperando o momento de se apoderarem do poder, ocuparam o lugar que os conspiradores tinham pensando conquistar ao estrondo formidável dos seus canhões. Alguns jornalistas e advogados, oradores eloquentes, que tinham estado trabalhando para criar nome enquanto os verdadeiros republicanos preparavam as armas para o combate ou jaziam nas prisões.

Alguns, também muito conhecidos, foram aclamados pela multidão; outros finalmente, impeliram-se a si mesmos, avançaram alguma coisa e foram aceites só porque os seus nomes representavam um programa acomodado a todo o mundo.

Que não se nos diga que isto foi devido à necessidade do pensamento prático dum ramo do partido de acção e que os outros procederam melhor.

Não, mil vezes não. É uma lei como a que se rege os movimentos dos astros, que o partido de acção permaneça distanciado, enquanto os intrigan-

O Confederação, muito contra a sua vontade, vê-se também forçada a elevar a sua cota por confederado. A. C. G. T. tem que enviar e manter delegados na provincia para desenvolver a propaganda e a organização; tem que facultar ao Conselho Juridico meios para desempenhar as suas funções; tem que manter as relações internacionais, dia a dia mais apertadas; tem que montar a sua secretaria com todas as condições de bem corresponder às necessidades confederais.

E como não é admissível que a C. G. T. exista sómente para a simples troca de correspondência, porque tem que desenvolver a sua acção de modo que se torne querida pela classe operária e respeitada pela classe burguesa; porque tem, em suma, que acompanhar a acção emancipadora do proletariado dos outros países — meio centavo, nas actuais condições económicas e financeiras em que Portugal se encontra, não chega nem para metade das despesas dos trabalhos que tem a seu cargo.

O Conselho Confederal, coagido pelas impertosas necessidades já expostas, deliberou que a cota por confederado fosse elevada para 2 centavos por semana, distribuindo-a do seguinte modo:

- a) 50 % para o fundo de A Batalha.
b) 40 % para as despesas confederais;
c) 10 % para o Conselho Juridico.

Esta cota de dois centavos entra em vigor a principiar na primeira semana de Julho.

Esta urgência é imposta pela força das circunstâncias. Primeiro porque é absolutamente preciso garantir a existência de A Batalha de modo que não sofra interrupção. Segundo, porque é da mais urgente necessidade que, no principio do outono, partam delegados para a provincia, se antes não poder ser.

Os sindicatos cuja cota não for sufficiente para dela extrair a percentagem de 2 centavos para a Confederação, promoverão ainda dentro deste mês assembleias gerais extraordinárias, a fim de elevarem as cotas aos respectivos sindicatos.

As Unões de sindicatos enviarão delegados a aquellas assembleias, com o fim de elucidá-las, em conformidade com o parecer confederal, da conveniência do aumento da cota.

As Federações de Indústria, por sua vez, elucidarão os seus sindicatos aderentes por meio de correspondência.

Atendendo ainda a circunstâncias de por motivo das constantes apreensões que A Batalha tem sofrido, esta estar altamente endividada e ainda porque pouco poderá cobrar neste mês para cobrir mais este

tes e os charlatães ocupam o governo. Estes são mais conhecidos da massa que da último impulso. Alençam maior número de votos com ou sem listas eleitorais, por aclamação ou mediante a urna eleitoral que da resto é sempre um modo de eleição táctica a aclamação popular em um momento determinado. São também escolhidos por todo o mundo, especialmente pelos inimigos da revolução, que preferem elevar os que nada fazem, e assim são aclamados como chefes dos inimigos do movimento ou os que são indiferentes ao seu triunfo.

O homem que mais que nenhum outro encarnou este sistema de conspiração, o homem que pagou com a prisão um e outro dia o seu entusiasmo por aquela idéa, Blanqui, arrojou nos quatro ventos antes da sua morte estas palavras, que em si mesmas são todo um programa: Nem deus nem amo.

III

Supôr que um governo qualquer pôde ser derrubado por uma sociedade secreta e que esta pôde substituir aquêle, é um erro no qual tem incorrido todas as organizações revolucionárias que tem tido a sua

COMPRAI

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil—Calçada do Combro, 38.

Tabacaria Barbosa—Rua do Carmo, 67.

Quiosque de Alcantara—Largo de Alcantara.

Rosa & C.ta—Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo—Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran—Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Pina—Travessa da Bica, aos Anjos, 14 J.

Tabacaria Ideal—Rua dos Correios, 211.

Tabacaria Pires—Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes—Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva—Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga—Rua do Rato.

A Moldura do Castelo—Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto—Rua da Bica do Sapato, 16.

Carlos Porfirio da Cruz—C. Agostinho Carvalho, 24.

Ana da Silva Galante—C do Combro, 38 A (alfarrabista).

Quiosque de Alcantara—Júlio Joaquim Pimenta.

Tabacaria A Tentadora—António Lopes de Melo, rua Ferreira Borges, 1-A.

Sindicato Unico Mobiliário, continuo—T. da Agua da Flôr, 16-1.º.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma—Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves—Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

deficit, serão enviadas a cada sindicato obrigações de 50 centavos cada uma, a fim de serem distribuidas aos sindicatos enjas condições económicas lhes permitam adquiri-las.

Lisboa, 4 de Junho de 1920.

Manuel Joaquim de Sousa,

Secretário geral.

Efeitos da colonização?

LONDRES, 25—Lord Dewar, que regressou há pouco das suas viagens a Africa Central, diz que ali, o elevado custo da vida se pode avaliar pelos preços que os nativos pagam pelas suas mulheres. Antes da guerra, uma mulher de 16 anos custava «quatro pontos de lança»; e, agora, custa oito. Nos distritos onde há gado em abundância, uma mulher valia, antes da guerra, quatro vacas; actualmente vale oito.

Vivam os progressos da colonização europeia! São tam elevados êsses progressos, que até fazem da Africa um mercado vulgar, onde consentem que as mulheres se vendam... como se fossem êguas.

E é para isto que os países querem colónias! Para isto e para enriquecer refinadíssimos mandros que vão para lá, de chicote em punho obrigar pretos... e brancos a trabalhar mais do que o que as suas forças o permitem.

Colonizadores? Bandidos, é que é o termo com que devem designar-se os mariolas que para ali vão cumprir missões de alta confiança dos Estados capitalistas...

Desafinações

Os socialistas parlamentares da Argentina, de harmonia com os socialistas dos outros países, ajustaram, ha tempos, as teorias e preceitos doutrinaários do seu partido às necessidades da sua vida cõmoda, ambiciosa, e ao seu estômago delicado e voraz — isto é, renegaram as finalidades do marxismo. E, consequentes com êsse procedimento, calcularam e desprestigiaram a Revolução Russa, chegando até a infamá-la no Congresso de Berne. Justo, o célebre socialista, ao passar por Buenos Aires, disse que «essa revolução era filha da violência, e que, pela violência, havia de morrer». Além disso, denominou a de «período de febre, de loucura, de patifaria».

Em S. Nicolau, logar que prssará a história do histriocismo, foi apelidada de «calandade, demência, insensatez». E agora — oh! paradoxo! — o partido socialista vai pedir ao governo argentino que reconheça a República dos Sovietes, quando isso lhe for solicitado.

Dir-se-há o caso que eles desempenhem o papel de Madalenas arrependidas? Ou será porque os fundilhos das calças já não lhe aguentam... o medo, por verem tam perto os prenúncios da Revolução Social?...

Lêde e propagal

A COMUNA

... Semanário Comunista ...

Folhetim de A COMUNA

PEDRO KROPOTKINE

O GOVERNO REVOLUCIONARIO

II

Porém o prejuizo governamental cega de tal modo os que defendem a ditadura que preferem preparar a de um Brissot ou um Napoleão antes que renunciar à idéa de dar um novo ano ao povo no momento em que se partir as suas cadeias.

An sociedades secretas do período da Restauração e de Luis Filipe tem contribuído poderosamente para sustentar o prejuizo da ditadura. Os republicanos da classe média, ajudados pelo povo, fizeram então uma imensidade de conspirações para derrubar a monarquia e implantar a república. Não tinham em conta a imensa transformação que se havia operado em França e imaginavam que por meio duma vasta conspiração poderiam em uns quantos dias apagar o rei, tomar poder e proclamar a república. Perto de trinta anos

origem na classe média republicana de França desde 1820. Porém há outros exemplos que demonstram plenamente a nossa tese. Quanto entusiasmo, quanta abnegação, quanta perseverança temos visto dispendido nas sociedades secretas republicanas da Joven Italia!

E não obstante todo aquêl imenso trabalho, todos os sacrificios feitos pela juventude italiana, ante os quaes empallidece a obra da juventude russa, o mesmo montão de cadáveres sachinados nas fortalezas da Austria depois de terem caído debaixo do cutelo ou da fôrça do verdugo, a obra das sociedades secretas teve por sucessoras e herdeiras a miserável classe média e a realza.

Outro tanto tem ocorrido na Rússia. É difficil achar na história uma organização secreta que com tão limitados meios tenha obtido melhores resultados que os que obteve a juventude russa juvenude que tem dado provas duma energia e dum valor tão poderosos como os do Comité Executivo. Ela fez cair o poder dos czares — êsse colosso invulnéravel — e é impossivel na Rússia o governo autocrático. Sem embargo serão muito estúpidos os

que julguem que o Comité Executivo será o que poderá no dia seguinte pôder em que a corôa de Alexandre III seja atirada ao rio.

Outros homens, que se reputam prudentes, que se preparam em crear reputação, enquanto os revolucionários cavavam as suas próprias sepulturas e pareciam na Sibéria; outros, os intriganes, os charlatães, os letrados, os jornalistas, aquêles que de vez em quando vertem uma lágrima fugaz nas sepulturas dos heróis e se confundem com os amigos do povo, não são os que occuparão a primeira linha da revolução. Isto é inevitável, é fatal e não pôde ser de outro modo.

Não são as sociedades secretas nem as organizações revolucionárias as que dão o último golpe nos governos. A função daquelas é preparar a revolução e quando as intelligências estão dispostas e as condições são favoráveis, sobrevém o último grupo iniciador da revolução da massa geral alheia a sociedade ou organização revolucionária. (Continua).